

# ESTUDO E EDUCAÇÃO

Uma Conferência dada a 13 de Agosto  
de 1964

Qual é a data?

13 de Agosto AD 14, Curso de Instrução Especial de Saint Hill, e temos aqui outra conferência sobre estudo e educação.

Provavelmente terão compreendido, ao longo dos vossos estudos, que temos isto praticamente completado, mas nem esperávamos certos bónus que conseguimos. Como já disse, foi uma ação muito surpreendente e aventureira, de repente pegar num campo análogo de prática e estudo, para poder estudá-lo, para descobrir algo a respeito do estudo de modo a não se ficar interiorizado no próprio assunto, não veem? Portanto, tomar um ponto de vista exterior e estudar isto como um neófito humilde que está a tirocinar ao longo do caminho (ambos os termos significam "principiante") e a partir daí, levar o assunto até ao fim, não como diletante, mas numa base profissional de dar tudo por tudo, veem? Há uma grande diferença entre estes dois tipos de estudo.

O que resta por fazer agora, é claro, é a prática profissional do que se aprendeu, e isso terá que ser acrescentado para vos ajudar nesse campo e esfera de ação específicos. Não parece ser muito, mas aqui está: todo o assunto da educação tem como produto final a realização de certa *doingness*, a realização de certos fins ou objetivos, e a educação que não leva a isto é, certamente, apenas uma espécie de macacada... fantochada, sabem, mais ou menos dessa natureza. É puro diletantismo, que poderia ser melhor definido como "a pessoa não tenciona fazer nada com o que aprendeu, exceto aborrecer os amigos".

E a diferença que existe entre estes dois campos, a macacada mais ou menos do tipo fantochada, e assim por diante, eu realmente não lhe chamaria educação. Não lhe conferiria a dignidade desse campo específico. Diria que é familiaridade, é ter um conhecimento superficial de alguns dados ou de um campo para descobrir o que há nele. Por outras palavras, é apenas relacionar-se levemente com o assunto e fazer uma leitura superficial de alguns aspetos periféricos, e isso na minha opinião, não seria educação.

Educação seria na direção de executar profissionalmente certas ações. Bom, essa é uma palavra introduzida por mim, *profissionalmente*. Porém, se uma pessoa é instruída num assunto, espera-se que ela seja capaz de realizar certas coisas nesse assunto. Não me interessa se isso é meramente uma linha teórica de educação, pois, mesmo assim, espera-se que a pessoa finalmente se torne um bom teórico.

Portanto educação... eu definiria educação como algo a sério, e diria que muitas coisas passam por educação sem o serem. Não estou a dizer se... esta é uma boa definição do dicionário inglês, entendem? *Educação* significa aprender ou adquirir conhecimento ou pôr em prática a *knowingness* de um certo assunto, percebem? Bem, vamos tomar isso como uma definição categórica. Se a pessoa é educada num assunto, então *sabe* esse assunto, compreendem? Ela,

ponto de exclamação, estão a ver? Ela *sabe o assunto!* É capaz de executar as ações que se ensinam nesse assunto, é capaz de obter os resultados que se ensinam nesse assunto, não veem? Isso é educação.

Ora bem, chamar "educação" ao sistema escolar moderno é digno de riso, porque o pobre garoto entra ali e tratam de lhe manter o tempo ocupado. Ora vamos lá ver isso. Pois bem, isso parece-me que não tem absolutamente nada que ver com educação, isso de manter o tempo da criança ocupado. E, contudo, um inquérito neste campo demonstra que a melhor razão para a educação formal da juventude, e assim por diante, é permitir às mães um tempo de descanso. Isso é um facto. É dessa forma que elas encaram a questão.

Bem, mas o que estão a ensinar este garoto a fazer? E então, vocês veem imediatamente qual é o desacordo que têm com o ensino dos jovens. Não estão a ser ensinados a fazer coisa alguma, entendem? Voilá. Portanto isso não é educação. Se vocês simplesmente tomassem a palavra na sua definição pura com um ponto de exclamação, sabem?, *educado!* Bem, isto transformou-se numa espécie de devaneio vago e esotérico, que ele... bem, foi o quê? Bom, vocês dizem: "este fulano foi educado". Dizem: "ele foi educado em Oxford". Bem, o que é isto? De acordo, ótimo, foi educado em Oxford; excelente, é um homem de Oxford, ótimo. Esperamos certos sinais e reações sociais e assim por diante. Muito bem. Se foi educado para ser um cavalheiro, ótimo! Assim, é um cavalheiro profissional. Veem? Ótimo. Ótimo.

Realmente não se pode dissociar a educação de uma *doingness* ativa e um papel e um profissionalismo, entendem? Não é possível dissociar isto, inverter este conceito, e assim dizer: "bem, queríamos dar-lhe uma boa educação, não para que ele pudesse fazer alguma coisa, mas..." Bem, isso constitui imediatamente uma contradição. É como dizer que devemos apanhar todos os feijões brancos, deixando todos os feijões brancos no chão. Não se pode fazer isso, entendem? Não se pode simplesmente "educar" alguém sem uma finalidade qualquer em vista, porque então a pessoa não seria educada, não veem?

E essa é a polémica moderna. Dispomos do maior orçamento do mundo para educação infantil, a seguir ao do armamento. E um grande orçamento. Não me importo que os professores todos digam que são mal pagos (o que é verdade) e outras coisas, essa é, no entanto, uma quantia fabulosa que se despende nessa direção específica. Quando se examina tudo isso completamente, e quando se inclui sob esse título de despesas todo o treino e as todas ações educacionais que se fazem no mundo, vê-se que existe um tremendo investimento.

Ora, praticamente todas as pessoas no mundo ocidental já tiveram quantidades de dinheiro consideráveis investidas na sua educação. É uma quantia considerável. Atinge os milhares de libras. Seja qual for o modo como encarem o assunto, atinge muitos, muitos milhares de dólares. Por exemplo, até que um jovem tenha terminado a universidade ele custa, no que respeita a educação, algo na ordem dos dez mil dólares, ou custava há dez anos (este já é um cálculo ultrapassado) e presentemente é provável que custe uma quantia mais elevada. Isso é muito dinheiro para investir num homem, para talvez não haver nenhum resultado.

Muito bem, portanto gastou-se muito dinheiro com a sua educação, mas terá ele ficado educado?

Assistência: Não.

Sim, e essa é a polémica. Estão a ver, despendeu-se muito com a educação dele, mas ele não ficou educado.

Fiquei bastante chocado no outro dia, ao ver que os meus pequenos não sabiam escrever os seus nomes. Estavam a ser "educados" a uma velocidade extremamente alta, mas não conseguiam assinar os seus nomes. Eu não diria, então, que lhes estivessem a ensinar a escrever. Não estavam a ser educados em como escrever. Independentemente do que estavam a fazer, independentemente da quantidade de exercícios de caligrafia do tipo "ovais viajantes"

que estavam a executar, se isso não levava ao produto final de serem capazes de assinar os seus nomes, bem, penso que isso seria uma das primeiras coisas em que um professor pensaria. Diria: "bem, sabem, um garoto deveria ser capaz de assinar o seu nome", porque, francamente, esse é praticamente o teste básico da alfabetização...

O indivíduo que sobe a bordo de um navio com um andar pesado e cambaleante e tem de fazer um X ao assinar o contrato é, instantânea e imediatamente, considerado analfabeto. Bem, talvez pudesse escrever tudo o mais com uma caligrafia graciosa, mas se não pudesse assinar o seu nome, custar-lhe-ia muito convencer as pessoas de que não era analfabeto.

Portanto, parecia-me ser a primeira coisa a fazer, e quando descobri isso causei uma bela de uma tempestade ao insistir para que aprendessem a assinar os seus nomes. Até as crianças ficaram bastante perturbadas. Não lhes tinha ocorrido que se sabiam escrever, deveriam ser capazes de assinar os seus nomes. Não podiam fazê-lo. Assim, ainda existem muitas lacunas ao longo do caminho.

Agora, tomemos a Aritmética. Bem, isto ensina-se de certo modo como uma coisa muito útil, de que se necessita para não se receber troco a menos. Acho que é quase o ponto de vista mais insuficiente e disparatado sobre qualquer assunto com que alguma vez estive relacionado e, no entanto, estou certo de que essa é a razão básica pela qual se ensina, pois algumas crianças já me explicaram pacientemente esse ponto preciso. Portanto, isto foi-lhes ensinado como a razão pela qual estavam a aprender Aritmética, para não receberem troco a menos. Ninguém lhes disse que há outro caminho para não se terem que preocupar com isso, e que é ganhar bastante dinheiro. Ora, vejam bem: se ganhassem bastante dinheiro não precisariam de saber Aritmética, porque assim não se preocupariam se recebessem troco a menos. Como veem, há outras maneiras de contornar a situação. Quer dizer que há outra solução para esta coisa de receber troco a menos; apesar de apresentar aquela como uma maneira simplesmente ridícula, ela no entanto é muito real. O rei Midas nunca se preocupou com receber troco a menos.

Assim, o que temos aqui em termos de educação de Aritmética? Bem, desafio a maioria dos professores que ensinam Aritmética a indicar um produto final de se saber Aritmética. Dirão, "Bem, ah!-ah!-ah!-ah!, bem, claro, eles têm de estudá-la porque é matéria fundamental em muitos outros assuntos".

Ora, muito bem. Agora estamos a falar de ensinar outros assuntos. Pois, mas não estamos interessados noutros assuntos, estamos a falar em Aritmética. Que me dizem desta coisa chamada Aritmética? Bem, perguntamo-nos porque é que as pessoas não sabem Aritmética. Bom, não se podem educar nela porque não há um produto final. Um indivíduo diz: "não quero ser contabilista. Não quero ser guarda-livros. Posso aprender a contar pelos dedos para não ser enganado no troco". Elementar. Porquê aprender Aritmética?

Bem, dizemos: "Bem, tem de se *saber* para aprender outros assuntos..."

"Não, não, não, não. Falemos de educação e Aritmética. Não nos preocupemos com outros assuntos".

"Sim, bem, se pusermos uma restrição dessas na discussão", diriam eles, "certamente ninguém poderá discutir".

Ao que se responde: "É essa a questão. Quem é que deseja discussões?"

A questão que estou aqui a salientar é que a Aritmética, não tendo em si nenhum resultado finito, certamente que tem, tem objetivos finitos, e estes podem ser descritos, mas não tendo, em si, um resultado finito descrito é, assim, quase impossível de se ensinar. E por isso temos quase

toda a gente muito mal em Aritmética na Escola Primária, porque a Aritmética, em si, não é um assunto e por esse motivo ninguém pode ficar educado nela.

Tornou-se cada vez mais... é muito manifesto na universidade. Não estou aqui a falar acima da vossa compreensão. Isto é algo muito, muito... zás! É muito óbvio. Entra-se numa universidade, nas faculdades de Engenharia, e está-se a toda a hora a apanhar com problemas para resolver com Álgebra, e está-se sempre a apanhar com problemas para resolver com Cálculo, quando qualquer um deles se pode resolver de cabeça. É algo para ponderar.

Então, o que é que aconteceu aqui? Bem, a Aritmética, não sendo um assunto em si, e tendo um tanto ou quanto caído em desgraça e sido degradada, contraiu-se gradualmente e está a deixar de ser um assunto, sendo apenas um assunto auxiliar que entra nas Matemáticas Superiores. E se não souberem Aritmética, não poderão fazer as Matemáticas Superiores. É mais ou menos desta maneira que ela é apresentada ao engenheiro.

Bem, em tempos estive bastante interessado nos velhos *McGuffey's Readers*, para descobrir quão versado em Aritmética se esperava que alguém fosse em 1888. Os problemas que era suposto resolverem com Aritmética eram os problemas de Álgebra. E era suposto resolverem-nos com Aritmética. E sabem que mais? Foi uma grande revelação para mim ser mesmo possível solucionar esses problemas de Álgebra, com os seus  $xx$  e  $yy$  e toda essa espécie de coisas, com Aritmética comum, vulgar e quotidiana. E fez muito mais sentido, fez muito mais sentido. Olhei para isto e deparei-me com alguns veteranos que conseguiam tomar uma coluna com cerca de cinco algarismos de largura e com cerca de dez números de altura, e somá-los de uma maneira peculiar, que era muito estranha para mim, uma espécie de soma cruzada, a qual eu não saberia de todo explicar-vos como se faz, mas obtinham uma resposta quase instantânea. E vocês dizem: "como faziam isso?"

"Bem", dizem eles, "é muito simples. Reparem, nove somado a alguma coisa dá ela própria, assim tudo o que se faz é ir pela coluna abaixo e descobrir todas as combinações que perfazem nove e esquecê-las, e soma-se o resto e obtém-se o total".

Quem diria, estão a ver? Bem, naturalmente, isto é uma coisa complicada, mas a dada altura tudo isto era parte integrante da Aritmética, e hoje já não faz parte dela. Para onde foi? Bem, devemos ter um assunto que está a desaparecer. Porque é que está a desaparecer? Ninguém está a traçar o seu propósito para quem a estuda. Não importa se existe nela algum propósito, isso não tem nada a ver. Sim, poder-se-ia imaginar muitos propósitos para ela, mas tudo o que há a saber é que ninguém está a delinear, a demarcar, a indicar o propósito desse assunto ao estudante, por isso não se considera que ele fica educado em Aritmética. A Aritmética é apenas um assunto auxiliar que nos protege de receber troco a menos.

Portanto, à medida que o propósito de um assunto se deteriora na sua divulgação ou entrega, à medida que o propósito do assunto se deteriora, o assunto, em si, também se extingue. Parece uma coisa muito estranha de vos dizer, mas à medida que o propósito de um assunto se extingue, ora, também assim o assunto desaparece da inteligência do Homem. Fabricar chicotes para charrete? Saíam por aí e tentem encontrar alguém hoje em dia que saiba tudo acerca do fabrico de chicotes para charretes. Há provavelmente um ou dois fulanos em Inglaterra que conhecem o assunto de trás para a frente e que fazem todos os chicotes de circo. Veem?, praticamente já não se fazem chicotes. Está a desaparecer, porque já não tem propósito. Já ninguém tem cavalos sobre os quais fazer estalar chicotes, veem? Então, ser-se educado no fabrico de chicotes hoje em dia seria uma espécie de fim, um beco sem saída. Não seria uma carreira muito produtiva.

Ora bem, isto não parece muito amplificado, mas tomemos a coisa ao contrário e fará imediatamente bastante sentido. Então, um assunto cujo propósito não está delineado esvair-se-

á, não apenas na sociedade, mas no indivíduo também. Ambas as declarações são verdadeiras. A primeira é tão verdadeira que é quase absurda. Porém, a outra não é absurda e não foi detetada. Se o indivíduo a quem estão a ensinar este assunto não capta o seu propósito, então o assunto extinguir-se-á naquele indivíduo. Pode até ter um tremendo propósito, mas se o propósito do assunto não se está a ensinar ao indivíduo, ele tem os dias contados. Estão a ver?

Portanto vocês podem ver a diferença entre um estudo vivo e um estudo morto. O estudo vivo é aquele que tem propósito, que tem utilidade, e o estudo morto é aquele que não tem qualquer utilidade. E há duas formas de transformar um estudo vivo num estudo morto: o seu uso desaparece como no caso dos chicotes para charretes, ou as pessoas omitem-no simplesmente como parte do processo educacional. E isso fará com que o assunto desapareça, não só no indivíduo, mas também na sociedade, não só na sociedade, mas também no indivíduo. Entendem isto?

E temos de assumir que uma pessoa *não* pode educar-se apenas pela definição da palavra *educação*, como venho frisando aqui, num assunto morto por este não ter um produto final.

E então vocês descobrem que estas coisas se tornam obsessivas. Alguém começa a estudar "miniaturas pintadas na Holanda por pintores cegos". Ora bem, miniaturas pintadas na Holanda, temos algum uso para isso. Mas "miniaturas pintadas na Holanda por pintores cegos", bem, andá-íamos por ali à procura durante um bom bocado antes de encontrar qualquer uso para este assunto específico. Ah, poder-se-ia encontrar usos para isso, porém não fiquem todos atrapalhados ao introduzir o vosso engenho a fim de suprir a *carência* de um sistema educacional, porque sendo "razoáveis" acabam por se aleijar a vocês mesmos. É uma questão de "o que está lá?", não é uma questão de "o que poderíamos inventar para colocar lá?"

Ah, poderíamos inventar alguns assuntos, mas digamos apenas que este indivíduo está a estudar uma matéria esotérica, estranha, incompreensível, inútil, que não leva a lado nenhum. Vocês sabem que ele poderia ficar facilmente obcecado por ela? Ele não tem propósito nem uso para ela, logo, naturalmente, é impossível educar-se nela, pois nunca poderá exibir a sua virtuosidade, nunca poderá exibir o seu uso. Quem o escutaria? Nem sequer pode contar aos amigos. Eles diriam: "este fulano é um maldito de um excêntrico! Passa a vida por aí a falar..." um pouco como as vossas famílias, e por aí fora, vos têm ocasionalmente considerado em relação a Cientologia. Vocês estão para além do entendimento deles, veem? Mas muito pior do que isso, bem pior do que isso, seria ter a coisa mais ou menos nesta base, vejam: ninguém sabe do que ele está a falar, e ninguém sabe porque a está a estudar, e ela não tem nenhum uso, e de qualquer forma não tem muito interesse. Bem, este pobre tipo nunca poderá comunicar sobre a matéria. Ele nunca poderá comunicar sobre ela pela melhor das razões devido à qual a comunicação se torna difícil. Ninguém lhe dará ouvidos.

Já pensaram no facto de a comunicação ser difícil por ninguém escutar? Bem, é só aplicar isto ao campo da educação. Na medida em que o assunto não existe e não tem utilidade e não tem aplicação, e não tem isto nem aquilo, bem, da mesma forma, ninguém lhe prestará atenção porque também não lhes serve para nada. Este indivíduo está a estudar miniaturas pintadas por cegos na Holanda. As pessoas dizem mais ou menos: "bem, eu até podia entender o facto de ele estudar miniaturas pintadas na Holanda... acho que ele é maluco!" Essa seria a conclusão imediata, não veem?

Bem, por vezes as vossas famílias olharam para vocês, nas situações em que vocês se depararam com isto e colidiram com isto de frente, e não vos deram ouvidos quanto ao tema da Cientologia, ou estavam impacientes com vocês por a estudarem, e isso foi porque vocês não lhes falaram acerca do propósito de Cientologia. E não lhes falaram acerca do propósito da

Cientologia dentro da ótica do que esta podia fazer por eles pessoalmente.

Aí vocês estariam mesmo a chegar perto da realidade deles. A vossa mãe poderia ter ficado interessada se soubesse o que Cientologia fez por vocês pessoalmente, por estar interessada em vocês, mas até a vossa mãe conceberia a Cientologia como um assunto apenas quando se delineasse um propósito. Agora avancemos um pouco mais: quando o propósito que foi esboçado pudesse ser executado em qualquer grau, veem?, o propósito que se esboçou pudesse ser executado em qualquer grau. Agora, a etapa seguinte é eles não acreditarem. Vocês poderiam dar-lhes o propósito, mas eles não acreditariam nele. Por outras palavras, o propósito não é real para eles. Por isso vocês não só lhes delinearam o propósito, mas delinearam-no para eles de tal forma que pareça um propósito *alcançável*... um propósito alcançável ou factível.

Portanto dirigimo-nos a este fulano e dizemos... dizemos a este fulano: "o seu interesse neste assunto deveria ser muito grande, porque este assunto fará de si um Clear".

E ele imediatamente diz: "que parede?" porque não é um propósito compreensível, entendem? O propósito deixa de ser compreensível quando a meta não lhe parece alcançável ou valiosa. E pode deixar de ser alcançável ou valiosa simplesmente por não ter sido compreendida.

Por isso, para um assunto educacional existir e continuar a ser um assunto no qual uma pessoa pode ser educada, ou se vocês alguma vez esperam que alguém algum dia seja educado no assunto, deixem-me colocar a questão deste modo, para continuar a existir, para sobreviver, tem de ter um propósito que possa ser visto como uma ação alcançável. Tem que ser alcançável. O propósito deve ser alcançável.

Agora, o valor de um assunto depende simples e totalmente do valor de alcançar esse propósito declarado. Quão valioso é atingir esse propósito específico declarado? Vale a pena realizá-lo, ou não? E nessa medida o assunto parece ser secundário ou vital.

Portanto, a urdidura e trama da cultura é constituída por tipos de educação que são subdivisíveis. Isto é a urdidura e trama de uma cultura... urdidura e trama, termos de tecelagem. Vou tentar não introduzir aqui palavras em demasia. A urdidura é nesta direção e a trama é naquela direção, veem? A estrutura de uma cultura é subdivisível em dois tipos gerais de educação. Uma cultura conserva-se só e apenas pela educação. Quer essa educação seja lograda pela experiência ou pelo ensino, uma cultura, como um todo, é a soma da sua educação. E há duas divisões dos tipos de educação de uma cultura, e uma destas compõe-se das coisas que são vitais e a outra compõe-se das que são "agradáveis". Agora, uma educação conseguida remunera-se na medida em que o seu serviço é entendido como sendo valioso. Uma educação remunera-se na medida em que o seu serviço é entendido como sendo valioso. E ela, francamente, não se remunera nem um tostão a mais. Por vezes a remuneração é falsa, mas não com frequência, e isso diz-vos que devem existir algumas coisas muito estranhas, porque existem algumas coisas na sociedade, porque a regra que acabo de vos dar é verdadeira, e a sociedade em geral, então, deve ser mal compreendida até certo ponto, porque há vários tipos de educação em todo o assunto da educação que são remunerados com enormes quantias, e não são tidos por certas autoridades educacionais como valiosos.

O público deve gostar de ser enganado. Está-se sempre a pagar a vigaristas de uma espécie ou de outra. Deve mesmo haver algo de grande valia em ter a esperança ampliada até à lua na Bolsa de Valores, porque esses fulanos são frequentemente muitíssimo bem pagos. Vocês poderiam reavaliar a sociedade com base no que vos indiquei. "Sim", poderiam dizer: "bem, a sociedade comete erros neste sentido. Sim, dizem-se mentiras à sociedade" Bem, não acho que a sociedade cometa erros neste sentido. Esse é um pensamento novo, não é? Sabem que a profissão técnica mais valiosa nos Estados Unidos é enterrar gente? É muito bem paga! Conseguiram convencer

toda a gente de que os entes queridos deviam ficar em caixões herméticos de bronze, e em criptas de cimento e aço a resguardar os caixões para que "as infiltrações de água não perturbem os vossos entes queridos". E convenceram absolutamente o país inteiro de que isto era uma lei do Congresso, que era uma lei local, e uma recente investigação feita pelo Congresso revelou este facto, e descobriram que não existia nenhum estatuto nos Estados Unidos que obrigue alguém no país a ser enterrado mesmo num caixão de madeira. Existem estatutos requerendo que sejam enterrados, porém não há nem sequer um estatuto requerendo que sejam embalsamados. Então, vocês enrolam a tia Inês num lençol e atiram-na para um buraco. Contanto que tenham obtido uma certidão de óbito, meus caros, é tudo o que é necessário.

Então, esta profissão particular... esta profissão particular estava a vender o quê? Estava como que a vender uma estranha vida após a morte, não estava? Eram parecidos com algum culto religioso, ou coisa que o valha, e era óbvio que as pessoas compravam a vida após a morte. E descobrimos que uma das coisas mais caras que se podia fazer no Egipto era morrer. Era uma coisa muito cara, e tornou-se assim nos Estados Unidos hoje em dia. É muito dispendioso morrer. Quando acabam de lidar com a pessoa, meus caros, não lhe resta nada dos seus bens.

Mas isto é muito peculiar. A sociedade remunera e recompensa isto. Bem, é praticamente a arte mais educada com a qual vocês alguma vez lidaram na vida. Os serviços funerários são uma arte super educada, e a própria sociedade dos funerários (agentes funerários, como gostam que lhes chamem), estes fulanos dirigem as suas próprias escolas e a sua própria tecnologia, e coisas desse género, e realmente martelam-na até que seja compreendida, e o produto final resultante é muito visível. Mas estes fulanos são bastante astutos. Eu sei, porque na época em que me andava a divertir à grande em Nova Iorque como escritor, pois bem, o médico-legista (é assim que agora começaram a chamar ao magistrado distrital encarregado de investigar a causa de mortes súbitas ou violentas lá em Nova Iorque; também mudaram de nome) o médico-legista de Nova Iorque era um dos meus amigalhões. Era o médico-legista da cidade de Nova Iorque, e um dos tipos mais simpáticos com quem vocês alguma vez se poderiam relacionar. Tinha embalsamado pessoalmente, com as suas próprias garras, 15.000 cadáveres.

Interessei-me por este campo em particular ao ser enviado na sua direção para fazer uma série de artigos sobre crimes inaveriguáveis, e naturalmente que acabei nas mãos do médico-legista da Cidade de Nova Iorque, e iniciou a minha educação criminal no assunto, e é evidente que esta foi no campo do que chamam Medicina Forense ou Legal. E este fulano, tinha tudo à sua disposição e por aí fora. Mas a descontração com que podia discorrer ou executar facilmente todas estas diversas coisas mostrava uma grande familiaridade com o assunto.

Este não era um assunto esotérico. Isto tinha que ver com muitos cadáveres que tinham sido espalhados por todo o lado, em vários graus de seminudez, vários graus de maus-tratos. Por vezes não estavam muito asseados. Este tipo era fantástico. E por estranho que pareça pensava que não era socialmente aceite. E eu era muito bem aceite socialmente, portanto ele e eu formávamos uma ótima parilha, porque ele sempre gostava... se eu fosse a algum lugar e lhe perguntasse se gostaria de me acompanhar, e assim por diante, ele chegava como se fosse um foguete, veem? Imediatamente, depressa! Mas não havia nada de errado com este indivíduo. Tinha muito boas maneiras, era um perfeito cavalheiro, e por aí fora, mas parte da sua educação era no sentido de que este assunto era menosprezado, por isso considerava que não era socialmente aceite, e assim por diante.

Bem, eu não sei. Muitas pessoas menosprezam... os varredores de rua pensam que são desprezados, e assim por diante, mas são eles que mantêm as ruas limpas, não são? Hã? Bem, este indivíduo estava obviamente a manter as ruas de Nova Iorque limpas de cadáveres em

decomposição. E... eu costumava vê-lo de vez em quando, e eu era presidente de um dos clubes literários de lá, etc. Ora, ele costumava ir até lá com bastante regularidade e dava conferências aos escritores de livros policiais se eu lhe pedisse para o fazer, etc., etc., e eles saíam do almoço, ou coisa que o valha, com as mais estranhas tonalidades de verde.

Mas, meus caros, aqui havia dados! Aqui havia dados e tinham um produto final bem definido, quanto mais não fosse no campo da investigação. Um fulano daqueles deitava uma olhadela a um cadáver e dizia: "monóxido de carbono. Está morto há cerca de três horas": "cianeto", "arsénico", isto, aquilo e aqueloutro. *Zás-trás-pás!* "Ah, eu diria que foi intoxicação por botulismo, José. Sim, sim. Vam... bem, vamos colocá-lo sobre a mesa e fazer um teste, fazer uma autópsia. Estou bastante certo de que é apenas botulismo, sabes, comeu algum... comeu feijão verde fora da época e que estava há demasiado tempo no congelador. E isso... parece-me que é isso". Acertava quase sempre em cheio, compreendem?

Isto era arte, a arte da observação, o mundo da morte. Mas mesmo no tempo do Egipto não se concedia a esta arte nenhuma posição social. Os indivíduos que embalsamavam os corpos na casa dos mortos, e assim por diante, na verdade nunca tinham nem sequer permissão para sair da casa dos mortos. Eram mantidos lá dentro. Mas eis esta incrível, incrível quantidade de arte, esta tremenda quantidade de detalhes, esta incrível quantidade de tecnicismo, incrível quantidade de coisas, e foi passada diretamente através de todas estas culturas da época do antigo Egipto, e sem interrupção. É interessante que uma pessoa como esta possa sentar-se e discutir as qualidades de preservação relativas do embalsamamento moderno e do embalsamamento egípcio. E ele estava certo de que o estava a fazer melhor do que faziam os egípcios. Foi a primeira vez que ouvi isso, pois tenho visto essas múmias egípcias nos museus das universidades e toda essa espécie de coisas, e vemos-las ali ainda todas enroladas, etc. Mas a sua atitude em relação àquilo era a de um verdadeiro profissional: bem, as feições não foram preservadas e a coloração era má. Foi o que me disse um dia, e por aí fora. "Sim, a próxima vez que fores ao museu, Ron", disse ele, "se não acreditas, se não acreditas que estamos hoje em dia bem à frente deles, dá só uma vista de olhos a uma daquelas múmias. As feições não foram preservadas, e a coloração é má". E eu disse: "Mas meu caro! Aqueles tipos... aqueles tipos estão mortos há milhares de anos!"

E ele disse: "Bem, daqui a alguns milhares de anos uma das minhas também estará". E acrescentou: "E as feições não estarão más, e a coloração será boa". E disse ainda: "podemos executar melhor a tarefa do que...", e quase acrescentou "...*nós* costumávamos fazer".

Ora bem, há aqui algo contínuo. Estou a falar-vos de uma profissão relativamente depreciada, mas muito bem remunerada, e que mantém os corpos fora das ruas e embeleza os entes queridos, e assim por diante, e que é muito bem paga. A preservação da memória, e isso tudo, é uma profissão muito bem paga. E tem sido contínua. Tem sido contínua por muitíssimo tempo sem que o seu know-how tenha desaparecido. Onde quer que tenha existido uma civilização, eles parecem ter sabido os dados da civilização anterior a este respeito, não importa quantas guerras os pudessem ter devastado, e parecem tê-los utilizado com toda a facilidade. Ora, até nos antigos ritos tribais se procurava descobrir uma caverna seca que embalsamasse automaticamente os cadáveres dos entes queridos.

Portanto, temos aqui uma linha técnica muito interessante. É uma linha técnica, meus caros: o que se tem de fazer para impedir um cadáver de se decompor, e o que se tem de fazer para... e saber acerca do que matou a pessoa e de que morreu, para não haver confusão nas atividades de embalsamamento, e o que se tem de fazer para corrigir tudo isso, e como se devem enterrá-los, e exatamente como lidar com a família enlutada, e exatamente como se devem vender-lhes ao melhor pelo preço, mais alto, sabem? São tecnologias, não importa como se encara a coisa. São



muito amplas e muito exatas, e bolas, acabam mesmo por apresentar um resultado finito! Sabem? Pega-se no corpo, embalsama-se, enterra-se, e cobra-se o dinheiro. *Bum!* É muito fácil de compreender.

Por isso diríamos que um assunto não é apenas remunerado à razão da sua necessidade, mas também na medida em que é compreendido pelo público em geral. É remunerado na proporção em que é compreendido.

Ora, muito bem. Que me dizem, então, desta longevidade? Que me dizem desta longevidade? A necessidade contínua de um propósito pode então preservar um assunto. Uma necessidade contínua de um assunto pode preservar o assunto. Se o assunto continua a ser necessário, será preservado. É um corolário do que acabei de vos dizer há pouco. Todavia, o período de tempo em que é preservado depende completamente da necessidade e da transmissão da sua tecnologia. Estão a ver, tem de se ter a tecnologia contínua, a ser necessária, e essa tecnologia também tem de ser transmitida. Se continuar a ser necessária, será também transmitida, o que é muito, muito fascinante... bastante óbvio.

Mas se temos um assunto a sobreviver através dos milénios, e por aí fora, é unicamente porque o seu propósito vem com ele. O seu propósito acompanha-o, e é um propósito compreendido. Ora, poder-se-ia destruir esse assunto, destruindo o seu propósito (já não seria necessário), ou destruindo a transmissão da sua tecnologia de um ou de outro modo, ou sendo demasiadamente insistente ou impondo demasiada força na transmissão da sua tecnologia, e acrescentando a esta muitas outras que não lhe pertenceriam. Por outras palavras, antes de vocês poderem estudar Engenharia, precisam de ter completado a escola primária, o liceu, de ter frequentado a Escola de Artes Domésticas, e ter aprendido a tricotar. Suponho que esta será a próxima exigência, veem?

Daqui a uns tempos não terão engenheiros, todas as pontes vão começar a cair. Bem, uma das razões por que não terão engenheiros daqui a uns tempos é muito elementar, e está contida na nossa própria tecnologia, mas só na nossa própria tecnologia (a razão para isto), e consiste em dar-lhes demasiado tempo na pista antes de levantar voo. O indivíduo teve de percorrer a pista durante demasiado tempo até levantar voo, e quanto mais tempo (voltemos agora à educação) quanto mais tempo se leva para abordar a educação, mais oportunidades haverá de encontrar pregos na pista de descolagem. Poderíamos provavelmente expressar isso de uma forma muito mais fácil, mas é mais ou menos assim. Se este tipo está a levantar voo, a levantar voo, a levantar voo, a levantar voo e a correr na pista de descolagem tentando ganhar velocidade, e todos lhe dizem: "bem, ainda não deves puxar a manete para trás. Deves ficar aí na pista, e continuar a andar na pista, pronto para levantar voo, pronto para levantar voo, pronto para levantar voo, pronto para levantar voo". Bem, quando ele tiver feito isto durante cerca de quarenta e cinco anos e descoberto que ainda não está no ar, não levantará voo.

A razão disto é que o número de oportunidades para fracassar é diretamente proporcional à duração da abordagem. É uma lei. *O número de oportunidades para fracassar é diretamente proporcional à duração da abordagem, ou à extensão de tempo que vai levar para chegar ao ponto em que se vai estudar o assunto.*

Ora bem, essa lei é equilibrada pelo facto de que se não se estuda algo por gradientes, pode-se entrar em confusão ao entrar num gradiente muito elevado, como eu disse no outro dia. Era demasiado íngreme, demasiado rápido. Existe algures uma pista de descolagem de tamanho apropriado para cada assunto. É uma pista de comprimento certo para o assunto.

Uma pista de tamanho certo para o assunto, então, não seria tão longa que multiplicasse desnecessariamente as oportunidades para fracassar, e mais lhe valeria não ser tão curta que a

pessoa saltasse um gradiente e entrasse em confusão. E qual é o tamanho certo de uma pista para um dado assunto? Quanta ação preparatória deveria existir, ou quanto tempo um curso em particular deveria levar? E todas essas coisas, todas essas perguntas, respondem-se assim: Bem, não deveria ser tão comprida que multiplique desnecessariamente as oportunidades para fracassar, e não deveria ser tão curta que levasse a pessoa a descolar a pique.

Cairá a pique, como costumávamos fazer quando eu estava nos clubes de aviação na universidade. Havia muitos jovens infelizes que puxavam a manete para trás cedo demais. O que acontecia em seguida era uma *queda a pique*, chama-se uma "queda a pique", um termo técnico de aviação. Vai-se andando e não há velocidade de deslocação suficiente para sustentar o vácuo por cima das asas. E vocês nunca viram uma aeronave fazer algo tão repulsivamente engraçado como numa queda a pique. Está a voar muito, muito bem, e subitamente está a voar a velocidade demasiado baixa e a faltar o vácuo por cima das asas, e ele faz *puuuf!* É rápido! Não é por acaso que se chama queda a pique. E naturalmente quando se está apenas a uns trinta metros acima da pista, ou coisa semelhante, na margem do campo e assim por diante, pois bem, se não se desenvolve velocidade suficiente no processo da queda para então poder puxar a manete para trás e desvencilhar-se da situação, o que se faz a seguir é mandar um aviso aos pais e entrar em contacto com o meu velho amigo médico-legista de Nova Iorque.

De qualquer modo, é isso que acontece a um estudante, compreendem? Ele põe-se num estado de confiança excessiva, ou algo do género, e puxa pela manete sem ter percorrido a pista por tempo suficiente. Não desenvolve velocidade, estão a ver? Por outras palavras, entrou num gradiente demasiado íngreme.

Pois, a Mary Sue fez isto numa destas noites. E, imaginem só, está a estudar dactilografia. Ela escreve bastante bem à máquina, mas decidiu começar a dactilografar sem olhar para as teclas. E vai ganhar a palma em dactilografia sem olhar para as teclas, toma, dá-lhe, pumba! E é muito interessante. Dei-lhe um processo educacional em relação a este assunto por um período de tempo muito, muito curto, e dei cabo do obstáculo que havia ali. Não sei se ela notou isso, e ela não está agora aqui. Provavelmente não notou que existia uma coordenação entre o seu súbito interesse em aprender a dactilografar sem olhar para as teclas e o quebrar da barreira de uma das velhas proposições de "demasiado-tempo-numa-pista", e "um gradiente demasiado curto" também. Quebrei isso com um processo e agora ela está muito interessada em aprender a dactilografar sem olhar para as teclas, e despende cerca de uma hora por noite, com todas as outras coisas que tem de fazer, ali sentada a martelar numa máquina sem olhar para as teclas. É muito difícil, porque ao mesmo tempo usa a máquina de escrever durante as horas restantes para dactilografar as anotações à pesca das teclas, compreendem? Portanto, por um lado ocupa-se com a dactilografia sem olhar para as teclas, veem?, e a seguir, pois bem, está à pesca das teclas, na execução do seu trabalho. Depois volta a praticar dactilografia sem olhar para as teclas.

Desconcertei-a. Dei-lhe um metrónomo na outra noite e ela admitiu subitamente estar fora de ritmo, o que era verdade, e assim por diante. E ela não conseguia fazer nada com aquele metrónomo a bater. Disse que tinha de o desligar logo. Era um gradiente demasiado elevado.

Mas passou para o gradiente de duas filas de teclas antes de dominar completamente uma fila. Veem agora o que quero dizer por gradiente demasiado elevado? Este era demasiado difícil, compreendem? E vejam lá se ela não caiu a pique! Caiu imediatamente a pique. E entrou em confusão total. No passado ela teria simplesmente abandonado tudo, e pronto. Mas como agora conhece a tecnologia que consegui reunir aqui sobre o tema da educação, senta-se com calma e diz: "ora bem, vejamos, que fiz eu? Ah, sim. Bem, é só um gradiente demasiado difícil. Passei simplesmente para um gradiente demasiado elevado". Voltou para o gradiente de uma fila, *tac*,

*tac-tac, tac-tac, tac-tac*, e depois passou para o de duas filas e conseguiu, entendem? Estão a ver, ela, por outras palavras, superou suavemente o gradiente.

Portanto, uma pessoa sabendo isto, pode realmente guiar-se muito bem através disto. Ninguém teve de lhe dizer isso, veem?

Muito bem. Então um assunto educacional é simplesmente algo que vai dar a uma *doingness* e que se aborda pelo processo de se educar nele. Agora, que raio de coisa esta ter de se dizer! Mas sabem que mais, quase ninguém sabe isto realmente. De facto não o sabem. Fartam-se de dar conversa fiada, mas passam a vida empenhados em atividades que executam muito mal e em que se fartam de fracassar, e nunca lhes ocorre que nunca foram educados no assunto.

Vou contar-vos algo que costumava dar comigo completamente em doido em Hollywood. Todos os realizadores, todos os supervisores, e no que lhes dizia respeito, todos os atores em cena sabiam como ser escritores. Sabiam escrever. Todos sabiam escrever histórias. O lugar estava infestado de escritores. Vocês querem saber o motivo por que Hollywood nunca passou do jardim de infância em matéria de histórias? É exatamente por causa disso. Nunca reconheceram que é uma tecnologia. É uma tecnologia profissional que se estuda bastante. Tem mais particularidades e ramificações... na verdade tem uma terminologia e peras. Mas todos estes fulanos sabiam... sabiam que sabiam escrever. Não era algo que se tivesse de estudar. Por isso, naturalmente que se eles tivessem um profissional entre eles... (e Hollywood desenvolveu muito poucos escritores profissionais, de facto não desenvolveu *nenhum* escritor profissional) eles vêm de fora e ficam feitos num oito. Bem, o processo dá-se por toda a gente de lá conhecer a profissão do fulano recém-chegado. Vejam, ele é escritor, é um profissional, chega, e todos os outros sabem a profissão dele.

Ora bem, ele não dará aos filmes a *beingness* necessária para compreender que talvez escrever cinema também tenha alguns truques de profissão, por isso é natural que ele pareça um pouco estúpido àquela gente, embora não o seja em absoluto. Simplesmente não aprendeu aquela especialidade particular do seu próprio assunto, a qual poderia aprender bastante depressa. E Hollywood, não compreendendo isto, nunca se dá ao trabalho de ensiná-lo a escrever para Hollywood. E nunca descobriram que é necessário ser educado para saber escrever.

Então temos aqui esta louca profissão, que às vezes é muitíssimo bem remunerada, e na qual se pode muito facilmente morrer à fome, e na qual as pessoas vos concedem enormes quantidades de *beingness*, e na qual as pessoas vos ignoram totalmente. Portanto, essa profissão está cheia de toda a espécie de contradições. O que é um escritor profissional? Bem, com base em testes, é alguém bem sucedido e cujas obras se estão a publicar, ou pelo menos a ler ou ver. Porém, este é o mais louco de todos os assuntos das artes em que nos podemos envolver, pois ninguém lhe concede a *beingness* de ter qualquer tecnologia.

E no entanto o fulano que tem sucesso, talvez vos interessasse muito saber, o fulano que tem sucesso não é simplesmente alguém que chegou casualmente com uma ideia. Vocês entram na Associação de Escritores Cinematográficos, e descobrem que a razão por que a educação na arte de escrever adquiriu má reputação, foi por ser ensinada nas universidades americanas. E elas foram e contrataram um grupo de escritores fracassados. E os escritores fracassados, ou se tornam editores ou professores. A propósito, eles dramatizam os seus fracassos tentando fazer com que os escritores fracassem, e nunca vi um deles fazer outra coisa. Desculpem-me, houve alguns que trabalhavam como loucos, tiveram um tremendo sucesso, tinham sucesso em tudo o que lhes dizia respeito, e coisas do género. Mas não tinham a ideia de que eram escritores. Todos os outros fulanos ainda tinham a ideia estranha de serem uma espécie de escritores, mas aqui estavam eles a editar, compreendem? Não estavam treinados na profissão, ou se haviam sido treinados nela

tinham fracassado...

Aqui está um assunto casual. A sociedade inteira parece trabalhar até certo ponto à base das fantasias e imaginações do escritor e assim por diante. Mas vejam só que exemplo de uma parte oculta do treino técnico. Ora, o treino técnico deste campo não existe. Se um escritor profissional quisesse dar uma boa gargalhada, se quisesse chorar de tanto rir, e rir, rir, rir até lhe doer a barriga, tudo o que tem de fazer é ler o programa de ensino para escritores profissionais da universidade de Princeton, por exemplo. É de rir a bandeiras despregadas. Quer dizer, não, não há nada a fazer. E uma vez tive uma aula para escritores profissionais em Harvard e deixei-os paralisados. E mais tarde o professor disse-me que eles nunca recuperaram.

Eu cometi um erro... eu era muito jovem e muito irreverente, e é natural que quando somos convidados para dar uma palestra sobre o nosso próprio assunto, veem?, em alguma instituição muito esotérica desta natureza em especial, que a coisa nos suba um tanto à cabeça e nos leve a fazermos-nos notar aos demais, sabem? Particularmente se se for muito jovem e irreverente e eu... e por isso pus-me à frente desta classe de escritores e disse -lhes: "notei que o vosso assunto atual aqui é o estilo. Ora bem, nenhum escritor sabe realmente se tem ou não um estilo até se ter sentado", e eu estava a ser muito razoável, "até se ter sentado e escrito algumas centenas de milhares de palavras. E quando tiver feito isso, pode provavelmente detetar no seu trabalho se tem ou não um estilo". Do ponto de vista de um escritor profissional esta é a declaração mais razoável que alguém alguma vez fez, porque um profissional, até mesmo Dickens, não acharia que escrever 100.000 palavras num mês fosse nada de mais, compreendem? Nada de mais!

Não sei de onde veio toda esta ideia de que eles escrevem todos penosamente com o próprio sangue enquanto se contorcem em agonia, entendem? Não é assim. Não é nada disso. Se alguém levasse sete anos para escrever uma grande obra, seria por estar bêbado durante seis anos e meio. Eles escrevem bem, escrevem facilmente e sem custo. Por exemplo, a maior parte do trabalho de Dickens foi escrito à razão de 5.000 palavras por dia. E uma vez calculei isso e entreguei-o à imprensa, e foi publicado a nível nacional. Via-se aquela história a circular por aí, e assim por diante. É claro que então passaram a dar menos valor à sua obra, suponho eu. Mas um escritor pode escrever. Que melhor definição pode haver para isto, entendem? Pode escrever facilmente, sem custo e com rapidez.

Ora, muito bem, eu disse isto àqueles pobres diabos ali sentados na sala de aula e notei ter havido uma espécie de choque na classe, e foi logo a seguir a isso que concluí a minha palestra, e quase não fui aplaudido. Estavam todos ali sentados quase como estátuas, estupefactos. Nem sequer se incomodaram em levantar-se quando a campainha parou de tocar. E finalmente um ou dois deles viraram-se para um ou dois dos outros, e murmuraram uma coisa qualquer. E o professor, que era boa pessoa, voltou, veio-me buscar ao estrado e saiu comigo e assim por diante, e disse: "bem, pintaste mesmo a manta com aquilo".

E eu respondi, "Porquê? Por amor de Deus, porquê? O que significa tudo isto?"

"Hé..hé..hé.", disse ele, "eles escrevem 1.500 palavras por semestre".

E aquelas pessoas estavam mesmo perturbadas! Voltei lá novamente, e ninguém dessa classe inteira queria falar comigo. Estavam transtornados! Descartaram-se de mim. Não podia ser possível que eu fosse um profissional, veem? No entanto os meus trabalhos estavam nas bancas dos jornais. Mas devia ser um golpe de sorte. Alguma coisa estava errada, porque os dados que havia fornecido deviam ser incorretos.

Nunca se tinha dito a esses fulanos que teriam de escrever! Estavam a ensinar-lhes a tornar-se escritores, mas nunca ninguém lhes tinha dito "Escreve, companheiro!", compreendem? E eu fui

a primeira pessoa a anunciar a essa classe que ia entrar no seu quarto ano, que um escritor devia escrever. Não sei o que se supunha que um escritor fizesse. Supunha-se que discutisse, ou fizesse isto ou aquilo, mas essa gente pensa que o comercialismo tem um palavão ligado a ele, e assim por diante. Porquê? Significa trabalho duro!

Eles não desdenham o dinheiro. Não interpretem mal essa gente. Não desdenham nada que o acompanhe. Não desdenham serem comerciais ou qualquer outra coisa. Não é à sua arte que se estão a agarrar. Para eles, produzir é trabalho duro. Tal coisa é simplesmente demasiado árdua. Por isso tinham estudado quatro anos e não tinham dominado o seu primeiro gradiente, que é *escreve!*

"Estamos agora a ensinar cerâmica. No campo da cerâmica produzem-se as faianças e o vidro e várias outras coisas. No fim do curso supõe-se que serão capazes de fazer bugigangas de cerâmica com facilidade e sem custo, e reconhecer defeitos nas peças de cerâmica que não estejam bem feitas, e assim por diante, e que saibam a tecnologia de fazer cerâmica".

Chega alguém e diz: "bem, na realidade está-se a ensinar um assunto politécnico", ou algo do género. Não, não, meus caros. Escrever é simplesmente derrubar árvores, trabalhar com uma escavadora. Há muita gente lá fora a cavar valas que não tem a energia física que é necessária para escrever. É isso mesmo. É apenas outro trabalho e, quando abordado desse modo, torna-se razoável e compreensível e inteligível e então... então sentamo-nos.

Um escritor não é alguém que usa um fez vermelho na cabeça, pantufas azuis, fuma cachimbo e contempla a paisagem pela janela. Um escritor é alguém que se senta a uma secretária com um lápis e um pedaço de papel, ou com uma máquina de escrever e papel, e escreve. O que escreve ele? Escreve aquilo que será publicado, que se venderá e para o qual as pessoas olharão porque, por definição, para ser um assunto profissional tem de ser um assunto aceite pela sociedade em que existe.

Ora bem, isto é uma maneira muito cruel e severa de ver as coisas. É completamente prático. Não exagero quando digo que na universidade não explicam isto. Os melhores professores estarão por ali a dizer: "ora bem, quando um dia estiverem lá fora no campo a olhar através desse teodolito, não me deem as culpas se não conseguirem ver o nível". Não ensinam dessa forma. Dão-lhes o teodolito depois da aula e dizem-lhes para irem medir qualquer coisa, e nem sequer lhes dão uma conferência sobre o que é o teodolito porque é um objeto detestável.

Não, as ferramentas próprias da profissão são teodolitos. Engenharia. As ferramentas do ofício são níveis. As ferramentas próprias da profissão são grandes folhas de papel de desenho e plantas e tijolos e peças de aço e máquinas e escavadoras e capatazes duros e empreiteiros de reputação duvidosa. Essas são as ferramentas próprias da profissão. Não ensinam nenhum curso de "Como Manter a Própria Ética Enquanto se Trabalha para a Companhia Construtora Falotu!" Por outras palavras, não são realistas. Eles entraram em alguma outra Terra do Nunca (imaginária).

Foi assim que choquei o curso de novelistas de Harvard, e nunca entendi exatamente como os choquei nem porquê. Não foi por lhes ter dito uma quantidade demasiado grande de palavras. Isso foi o que eu supus durante muito tempo, mas agora, ao estudar educação, sei o que fiz. O que fiz foi dizer-lhes simplesmente que "Se estão a estudar para serem escritores, *escrevam!* Supõe-se que escrevam. Supõe-se que produzam palavras". E provavelmente nem sequer foi a frase: "não saberão se têm um estilo", porque toda a minha palestra foi dedicada a esta única ideia. Foi quando finalmente lhes indiquei uma quantidade, logo a seguir ao que eu queria dizer com palavras numa folha de papel.

Lembro-me de estar ali de pé no estrado e a calcular bastante rapidamente. Pensei: "Bem, vou

dar-lhes um número baixo que qualquer pessoa em seu perfeito juízo seria capaz de executar em poucas semanas, sabem, para não pregar nenhum susto a ninguém", por isso disse "umas centenas de milhares de palavras", sabem? Uuuuh! Veem? Bem, foi com isto que eles ficaram Uuuuh!, mas não foi aí que se deu o choque. O choque estava contido no facto de que todo o meu discurso sobre o tema de escrever era que se escreve, e que um escritor escreve. E foi isso que lhes provocou um choque. Se vão receber educação num assunto, deveriam ser capazes de pô-lo em prática.

Ora bem, fazer coisas não é nenhum palavrão. Agora, não têm que continuar a fazê-lo obsessivamente durante o resto dos vossos dias. Era tudo muito confuso neste curso que acabei de ensinar, o curso que acabo de tirar. Os melhores de entre aqueles professores tinham sido minuciosamente instruídos na teoria, e tinham trabalhado como loucos, com muita doingness e muitas ramificações dela no seu próprio campo. E quando se tem essa combinação, tem-se um indivíduo, que quando diz que algo é assim, há algo de muito credível acerca disso, porque é muito certo. É bastante reconhecível... Ele pode nem saber escrever bem, mas pode expressar isto porque é a sua profissão e ele sabe do que está a falar.

Agora, temos alguém que não pode fazer isto, e isso transparece, ggaaahhh! Projetores gigantescos em todas as direcções, a inviabilidade da coisa, não veem? Este fulano não dá a ênfase correta. Não vos fala acerca das coisas principais do assunto. Fala-vos de alguma coisa que ele pensa que possa ser interessante, mas nem sequer tem experiência para saber se seria útil ou não, entendem? Dá muita importância a ninharias, não veem?

Tive um exemplo no outro dia (foge-me da memória neste momento) neste curso. Tinha algo a ver com o facto de que o tipo era simplesmente... Ah, sim! Sim! Era a projecção. Era a projecção de transparências. E se tinham uma tela a dois metros de distância e outra a quatro metros, então a vossa luz e densidade da transparência... a vossa luz era, naturalmente, menor na tela mais distante, não só porque o número de metros tinha aumentado, mas porque a distância era maior, e por isso a densidade da transparência era muito importante para a projecção. E as transparências tinham de ser reveladas e impressas com muito, muito cuidado, e assim por diante, na sua forma positiva, de forma a ultrapassar aquelas diferenças de... eu estava, ele era um desses indivíduos. Era um pouco mais esotérico do que os outros. Ora, sinceramente ele estava mesmo a falar... o Reg... alguma vez tivemos problemas em projetar qualquer tipo de transparência lá no circo, na escuridão completa de uma sala aberta a uma distância impensável, até uma dimensão de quatro por quatro metros?

Bem, se tivéssemos dado ouvidos... se déssemos ouvidos muito atentamente a este tipo, ficaríamos com a impressão de que ele, obviamente, não tinha experiência. Provavelmente nunca na vida tinha feito uma projecção de diapositivos. Sabem, é uma velha tecnologia, a de projetar diapositivos. É o avozinho imediato do cinema, estão a ver? Mas este fulano provavelmente nunca tinha feito uma projecção, e por isso punha aquela ênfase terrível no cuidado que se tem que ter para alcançar este ponto... não importa. Não importa quão espessa seja uma transparência, desde que seja uma transparência que permita ver. Não importa quão densa, ou quão espessa, ou quão difícil seja ver através dela. Se está muito longe, arranja-se uma luz mais forte! Há uma solução para isso. É tudo. Põe-se outra lâmpada.

Por outras palavras, isto não se faz na câmara escura. Faz-se durante a projecção, mas ele desconhecia este facto. Portanto ele escrevia esta meia página enorme e desnecessariamente elaborada, que se lê à custa de muito suor, sobre a impressão de transparências, e sobre o facto de que se deve assegurar de que se sabe com antecedência a que distância se vão projetar, porque faz muita diferença entre... ah, não! Estão a ver a ideia? Pois, se este indivíduo tivesse alguma

vez feito isto, ou se tivesse tido muito que ver com isto, não cometeria um erro assim. Reparem, é assim que se dá ênfase às coisas erradas.

Por isso, um verdadeiro conhecimento dará uma ênfase correta, e um conhecimento apenas teórico dará uma ênfase incorreta. E calculo que as universidades por esta altura estão infestadas de ênfases incorretas. E pode-se continuar a desencaminhar algo cada vez mais por meio de ênfases incorretas até ao ponto em que a tecnologia praticamente se perde. Ênfase incorreta, ênfase incorreta, ênfase incorreta. É de enlouquecer!

Por outras palavras, "Tomem muito cuidado com o verniz do vosso E -Metro. Ora bem, os E-Metros são envernizados e vamos passar as próximas três semanas a estudar o fabrico de vernizes para E-Metros".

Bem, trata-se de quão irreal podem torná-lo? Isso não tem nada a ver com o assunto em questão. Só porque há algum verniz numa sessão (provavelmente nunca vos ocorreu até este momento que houvesse verniz numa sessão) alguém faz disso uma grande coisa, veem? Ele diz... ele imagina que por o verniz ser brilhante, calcula que a luz ao incidir nele possa talvez influenciar o preclaro e que este se distraia por causa do E-Metro. Ele leu em algum lugar que isto ou aquilo, entendem? Ele chegou à conclusão de que isto deve ser verdade, mas efetivamente um auditor experiente diria que nunca teve queixas desse tipo de qualquer PC em lado algum, portanto não é um problema, assim, para quê solucioná-lo?

Portanto estas irrealidades consistem simplesmente nisto, e esta é uma definição muito precisa: as irrealidades introduzem-se quando uma atividade educacional ensina soluções para problemas inexistentes, ou falha em resolver problemas que realmente existem. E a média entre estes é o que se deveria abordar, e a única coisa que dá isto é a experiência.

Um indivíduo exerce a atividade de esculpir cabeças de pedra nas montanhas Gutzon Borglum. Penso que se poderia ir lá acima e aprender uma grande quantidade de coisas com um tipo desses. Imagino que ele saiba tudo de trás para frente. Mas ele esperaria que se tivesse toda uma instrução elementar no campo do mundo das Belas-Artes e da Escultura antes mesmo de alguém se apresentar diante dele. Mas apesar disso existem provavelmente muitas curiosidades especializadas que ele poderia ensinar, tais como: "pode-se ver se a rocha em particular, que se vai atacar, tem uma fenda devido ao facto de haver descoloração na sua configuração", e assim por diante, e tudo isto seria muito bom, estão a ver? Bem, ele está a resolver algo que é real. Começa-se a esculpir uma rocha fendida e ela vai e faz *crrrraac!* E é muito desastroso, sobretudo quando há apenas uma montanha para talhar. Não podem encomendar outra montanha. Por essa razão este é provavelmente um problema muito importante.

E volta-se lá outra vez, e dá-se uma vista de olhos, e ele tem um novo assistente a quem foi ensinado tudo acerca de arranjar caras e cabeças em montanhas por alguém que nunca o fez. E agora Gutzon Borglum confronta-se com o facto de primeiro ter que destreinar este assistente e voltar a treiná-lo, pelo que tem praticamente o dobro do trabalho entre mãos, veem?

Ensinaam a este fulano que é muito, muito mau fumar a grande altitude, porque isso destrói o sentido estético. A questão não tem nada a ver com esculpir caras numa montanha, entendem? Esculpir caras numa montanha não requer muito sentido estético. Requer muito apoio numa dessas enormes brocas pneumáticas chamadas "faz-viúvas", e explosivos, e é uma atividade muito violenta. Há muito movimento, massa e doingness ligados a isso, estão a ver?

Mas alguém que nunca o faria, ao ensinar diria: "Bem, têm que ter muito cuidado com o vosso sentido estético", e assim por diante, e, *pfffff*. Veem? Tentaria extrapolar sobre um assunto com o qual não estava familiarizado, o que seria uma coisa muito difícil de fazer, ensinar um assunto

com o qual não se estivesse familiarizado, e ainda, aparentemente é muito difícil de fazer, mas está-se sempre a fazer. E deu à educação superior uma má reputação em muitas áreas. Deu-lhe muito má reputação, porque os estudantes são sempre ensinados por pessoas que nunca fizeram essas coisas.

E realmente aprendi a lição no meu curso de fotografia. Ah, mas agora consigo distinguir um desses tipos a quilómetros de distância nos livros, e eu... aaaahhh! digo, "Ronnie, cá va-a-a-mós nós! *Vrum!* Agora vamos resolver toda a espécie de problemas que não existem, e não vamos ter soluções para os problemas existentes, mas tudo isto será indicado de tal maneira, que, de qualquer das formas, será impossível extrair disso algum sentido. Mas vamos ter que extrair o sentido dele, a não ser que se queira ficar emparedado ou bloqueado neste assunto específico". Então, não é um problema interessante?

Por consequência, representa cerca de sete vezes a quantidade de estudo. Há aí facilmente sete vezes mais a quantidade de estudo do que deveria haver. O indivíduo não sabe do que está a falar, mas vocês têm que saber, portanto têm de ler a sua matéria e em seguida como que inventar e calcular por vocês próprios com base nas aplicações práticas. É uma situação desagradável.

Portanto todos os assuntos, independentemente de as pessoas lhes chamarem "matemáticas puras" ou "arte pura", ou coisa que o valha, *todos os* assuntos conduzem a uma doingness finita, uma doingness muito específica, *todos os* assuntos conduzem a uma doingness específica, se são assuntos educacionais nos quais uma pessoa se pode educar. E se não conduzem a uma doingness específica, uma pessoa, não importa quanto tempo os tenha estudado, não se pode educar neles.

Bom, isto não é só por causa da definição da palavra *educação*. Não lhe dei esse sentido. Quero dizer, pode-se continuar e continuar e continuar, e sentir-se cada vez mais e mais perplexo, e mais e mais perplexo com este assunto em particular, e assim por diante. Bem, não é um assunto no qual alguém se possa educar. Estão a seguir-me? Bem, daí a vossa perplexidade. Está-se a tentar receber educação, e é impossível porque o assunto não conduz a uma doingness finita.

Por isso, qualquer assunto que conduza a uma doingness finita e específica, isso pode medir-se, sabem? Tem limites e ações. Qualquer coisa que conduza a uma doingness finita é suscetível de se ensinar. Por outras palavras, pode-se ser educado nisso. Mas se não conduz a uma doingness finita, então uma pessoa não se pode educar no assunto, não importa quão intensamente o estude, porque não há maneira de verificar se alguma vez aprendeu alguma coisa. Portanto isso converte-se numa significância total, para a qual a massa está ausente, e a educação na ausência da massa na qual a tecnologia estará envolvida é dura para as pessoas. Tentar a educação na ausência da massa é duro para o estudante. É muito penoso para o estudante.

Fisiologicamente, fá-lo sentir-se esmagado. Na realidade... na realidade fá-lo sentir-se esmagado, fá-lo sentir-se encurvado, fá-lo sentir-se com a cabeça a andar à roda (estas são todas reações fisiológicas e mentais) fá-lo sentir-se como que morto, fá-lo sentir-se aborrecido, exasperado, fá-lo sentir-se de muitas formas diferentes. Aquela não é a única razão pela qual uma pessoa pode ter estas reações, longe disso, mas é o resultado de estudar a doingness de alguma coisa cuja massa está ausente. A massa está ausente. Entendem? Poderíamos compreender que não estávamos a estudar coisa alguma, e logo não esperaríamos qualquer massa e, assim, isso provavelmente não causaria transtorno. Mas estamos a estudar tratores e *não* há nenhum trator, não há tratores e estamos a estudar tratores.

As fotografias ajudam, os filmes ajudariam. Ajudariam bastante, porque são de certo modo massa, são uma espécie de promessa ou esperança de massa. Porém, a página impressa e a palavra falada não são um substituto para um trator! Lembrem-se disto.



E este não é o velho argumento de "Naturalmente, sabemos que temos de ter aqui algumas das coisas que eles estudam". Não, não, nem sequer é na área da prática, e assim por diante. Não procurem outras explicações para este dado, porque têm que compreender este dado na sua pureza, e isso é simplesmente que educar uma pessoa numa massa que ela não tem, e que não está disponível, produz reações fisiológicas. É isto que estou a tentar ensinar-vos. Nem sequer estou a dizer se deveria ou não ser feito. Estou apenas a dizer que produz reações fisiológicas. Isto é apenas um facto. Compreendem?

Vocês estão a tentar ensinar a este indivíduo tudo acerca de tratores e não lhe dão qualquer trator. Pois bem, ele acabará por sentir a cara esmagada, vai acabar por ter dores de cabeça, vai acabar por sentir o estômago esquisito, vai sentir-se tonto de tempos a tempos, muito frequentemente vai sentir os olhos a doer, e assim por diante.

Ora bem, consegui transmitir este dado? É um dado fisiológico. Tem a ver com o processamento e o campo da mente.

Por conseguinte, podem esperar obter maior incidência de suicídios ou doenças no campo da educação que mais se dedique a estudar massas ausentes. Inteligente, heim! E por isso posso dizer-vos, sabendo este dado, exatamente em que consiste o sistema de educação francês. Nem sequer acredito que lhes seria dada autorização para terem uma secretária na sala, se estivessem a estudar secretárias. Acho que a primeira ação do professor seria fazer retirar da sala todas as secretárias, e em seguida ensinaria a teoria das secretárias.

Agora, uma das formas de saírem impunemente disto, eu estou a falar-vos, por exemplo, nestas conferências. Vocês estão a olhar para alguém que tem uma mente, e estão a ver um corpo que está muito vivo, portanto têm mais massa, de facto, numa conferência do que num boletim. Provavelmente prefeririam ouvir uma conferência ao vivo do que ler um boletim, não veem? Muito bem, a segunda melhor opção é ter a massa da fita gravada e do som, e isso provavelmente não é tão mau, mas começa a reduzir-se a um silêncio e a uma sensação de não estar em lado nenhum, e assim por diante, e por volta desse momento uma pessoa começa a sentir-se mal. E então se estiverem a estudar a respeito de alguém sem nunca o terem presente... já alguma vez leram um boletim, por exemplo, e de repente reconheceram alguma coisa relativamente ao PC que estavam a auditar? Têm mesmo um impulso para ir à procura dele, ou dela. Bem, na medida em que não o fazem, ficam transtornados. Têm agora uma aplicação da massa, mas não têm ali a coisa à qual isso se aplica direta e imediatamente, portanto a vossa tendência é ir à procura dela.

Ora bem, deve-se compreender que este fenómeno existe, porque há outra série de fenómenos que existem e também são fisiológicos, que se baseiam no facto de um gradiente demasiado íngreme... este é outra fonte de reações físicas ou fisiológicas ao estudo devido a um gradiente demasiado íngreme. E estas consistem numa espécie de confusão, ou um rodopio, que ocorre com este fenómeno, e é provavelmente uma reação fisiológica distinta, distinta das outras. Ora bem, confesso-vos que não me dei ao trabalho de fazer uma tabela de qual fenómeno produz qual reação, mas estou apenas a dizer-vos que existe uma distinção que se poderia traçar entre estas duas coisas.

E a seguir vem a terceira série de reações fisiológicas ocasionadas por... uma questão totalmente diferente, agora, prediz-se a existência de um conjunto totalmente diferente de reações fisiológicas neste campo, uma definição que se saltou. E a definição que se saltou dá uma sensação nítida de estar em branco, uma sensação de esgotamento, uma sensação de "não estar ali" e uma espécie de histeria nervosa seguir-se-á a isto. Estas são algumas das reações mentais e fisiológicas que se seguem a esta definição que se saltou.

Por outras palavras, vocês estão a... ha!, estou agora a falar acerca do facto de que saberiam se alguém vos estivesse a espetar um alfinete no braço, ou a bater no dedo do pé com um martelo. Pois, estas são duas reações físicas diferentes, duas reações fisiológicas diferentes, veem? Bem, acabo de vos indicar três fontes de reações fisiológicas a aspetos do estudo, e são três áreas de estudo diferentes, e são três conjuntos de sintomas diferentes, e não me dei ao trabalho de apresentá-los em forma de tabela. Bem, não li nem estudei o assunto suficientemente para o apresentar em forma de tabela, mas reconheço as diferenças que existem.

Podia existir um quarto e um quinto conjunto, compreendem? Não vos dou isto como um agrupamento completo. Estes são os três que conheço, e sei que existem, e sei que são importantes.

Portanto, têm este em que... este é de todos o que causa menos perturbação, mas produz as ações mais nitidamente reconhecíveis, e vocês interrogar-se-iam em vão sobre o que causa isto se não o soubessem, que é apenas estudar uma coisa sem que a sua massa esteja alguma vez presente, ou o seu espaço ou alguma coisa. Digamos que vocês estão a estudar o céu e ninguém nunca vos deixa contemplar o céu. Nunca têm um céu para observar, não veem? Algo assim. Podem estudar a mente porque sabem que a mente é invisível e contém uma certa porção de massas e coisas dessas, mas vocês compreendem isso e têm mentes à volta, e é muito óbvio que têm uma mente à vossa frente quando auditam um PC, não veem? Mas se estivessem a estudar isto numa torre de marfim qualquer na Áustria, ou no Hospital de Bellevue, ou em algum outro lugar onde não houvesse quaisquer mentes, muito em breve começariam a sentir essas reações, entendem? Elas seriam um zzz-zzzz e assim por diante.

Agora, a manifestação chamada "blow" (deserção) vem da terceira fonte, que é a definição mal entendida, ou definição não compreendida, a palavra não definida e por aí fora. É isto que leva as pessoas a fazer blow (desertar). Uma pessoa não faz necessariamente blow nos outros dois casos. Não são marcadamente fenómenos de blow. São simplesmente fenómenos fisiológicos.

Bem, por isso poderiam fazer uma criança sentir-se indisposta ou sentir-se bem no campo do estudo. Ora bem, isso dá-vos uma tabela completa do que poderiam fazer. O Joãozinho está a passar um mau bocado na escola com a Aritmética. Bem, é evidente, vamos dar-lhe algumas maçãs e pôr um número em cada uma delas e ele fica com um certo número de maçãs à sua frente. Já não é um número de maçãs teórico. Vamos dar-lhe a massa do que está a estudar. Veem? De repente descobrimos que ele tinha um problema relacionado com maçãs e, Santo Deus, nunca teve maçãs sobre a carteira para contar! Compreendem? Sabem, encontraremos a origem disso numa ausência de massa, veem? Ou poderíamos fornecer a massa. Estou a tentar dar-vos o remédio positivo: poderemos fornecer a massa. Poderíamos fornecer um objeto ou um substituto razoável, e descobriríamos que o primeiro fenómeno que indiquei aqui seria completamente remediado.

O remédio para o segundo fenómeno é reduzir o gradiente. Descobrir quando ele não estava confuso no gradiente, que nova ação empreendeu. Agora, é um nível de doingness, esse gradiente. Ou que ação compreendeu bem, e vamos encontrar o ponto em que ele se extraviou, exatamente na zona que ele tinha compreendido bem. Precisamente antes de ficar confuso, o que é que ele compreendeu bem? E então descobrimos que ele não compreendeu bem. Está realmente na parte final daquilo que ele compreendeu bem, e depois disso saltou o gradiente, entendem?

Muito bem, mas isto é mais reconhecível e mais aplicável no campo da doingness. Pede-se de repente ao indivíduo para aprender a manejar o *botão de controle da sensibilidade*, e ele tem estado a ir muito bem a observar a agulha do E-Metro a balouçar para a esquerda e para a direita,

e de repente fica todo confuso acerca do controle da sensibilidade. Bem, há alguma coisa de errado com a agulha do E-Metro a balouçar de um lado para o outro. Não comecem a tentar explicar-lhe o controle da sensibilidade, porque ele não tem mal-entendidos no controle da sensibilidade. Vocês chocaram com um gradiente demasiado íngreme. Foi um salto demasiado grande, porque ele não compreendia o que estava a fazer e saltou para a coisa seguinte, e isso foi demasiado íngreme e foi demasiado rápido, e ele atribuirá todas as suas dificuldades a esta coisa nova. Portanto isto é verdade neste gradiente, entendem? Isso é verdade em relação aos gradientes.

Agora há que distinguir, porque o que se passa agora com os gradientes parece-se terrivelmente com o que se passa com as definições. Mas lembrem-se de que são claramente diferentes. Os gradientes são mais pronunciados no campo da doingness, mas ainda se projetam até ao campo da compreensão. Mas é na ação que estamos interessados, nos gradientes, onde temos uma série de ações planeadas de movimento progressivo. Vejam, temos uma série de ações planeadas, ele deveria fazer isto, deveria fazer aquilo, e depois deveria fazer aqueloutro. E descobrimos que ele estava terrivelmente confuso no segundo passo que executou. Bem, temos de concluir que nunca saiu do primeiro. Esta é a abordagem do gradiente. E há um conjunto completo de fenómenos que acompanham isso e que se parece muito com este outro.

Porém, este outro fenómeno é muito mais importante do que a abordagem do gradiente, com cujas intimidades vocês só se deparam ao treinar de facto alguém. Este último fenómeno é de tal modo mais importante que o dos gradientes, que é a base e a estrutura das relações humanas, da mente, dos assuntos. Estabelece o talento, estabelece a aptidão e a falta de aptidão, é o que os psicólogos têm estado a testar há anos, e são todos estes disparates, e é apenas a definição das palavras: a palavra mal compreendida. Isto é quase tudo a que ele se resume: a palavra mal compreendida. E isso produz um panorama de efeitos mentais tão vasto que, em si, é o fator primário envolvido com a estupidez, o fator primário envolvido com muitas outras coisas. Se uma pessoa não fosse assim, o seu talento poderia estar ou não presente, mas a sua doingness estaria. Reparem, ela poderia não pintar quadros magníficos, mas estaria a pintar quadros.

Portanto, a sua aptidão em ser capaz de fazer teria algo que ver com a sua sensibilidade, tem algo que ver... mas com um bocadinho mais, entendem? Não podemos dizer que o João pintaria tão bem como o Carlos se ambos não fossem aberrados no campo das artes, veem? Esta suposição não é razoável. Mas podemos dizer que a incapacidade do João para pintar, comparada com a sua capacidade para executar os movimentos para pintar, depende *única e exclusivamente* de definições. Vou repetir isto: *única e exclusivamente de definições*. Existe alguma *palavra* no mundo da arte que a pessoa que é inepta não definiu ou não compreendeu, e a isso seguiu-se uma incapacidade para agir no campo das artes.

Isto é muito importante, porque diz o que acontece à doingness. E a restauração da doingness depende *unicamente* da *restauração da palavra mal entendida, da definição mal entendida*.

Este é um processamento muito rápido, e o resultado que se pode obter dele é muito rápido, amplo e importante. Tem uma tecnologia que é muito simples. Entra nos níveis inferiores porque tem que entrar. Será provavelmente discutido no Nível I, memorizado e executado no Nível II, e será seguido pela linha acima, mas lá porque está nos graus inferiores não significa que não seja importante. Significa que tem que estar às portas de entrada de Cientologia, é tudo o que significa. Mas é uma descoberta fantástica com grande alcance no campo da educação. E não a negligenciem.

Podem voltar para trás no assunto em que a pessoa é estúpida, ou qualquer assunto afim que a pessoa tenha misturado com o primeiro, e descobrirão porque é que o psicólogo não consegue

compreender Cientologia. Não tem nada a ver com Cientologia, mas tem tudo a ver com a Psicologia. Ele nunca compreendeu uma palavra de Psicologia, portanto não se move para o campo de Cientologia.

Estão a ver a ideia?

Bem, isso abre a porta à educação, e embora eu a tenha dado em último lugar é a coisa mais importante.

Certo?

Muito obrigado.